

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

David da Silva Carvalho

**DIÁRIO DO DEMARCADOR: UMA INTRODUÇÃO**  
**– A SEGUNDA SUBDIVISÃO DE LIMITES**  
**ESPAÑHOLA E A NARRATIVA SOBRE OS**  
**GRUPOS NATIVOS 1783 -1801**

Brasília – DF  
Agosto de 2015

DAVID DA SILVA CARVALHO

DIÁRIO DO DEMARCADOR: UMA INTRODUÇÃO  
– A SEGUNDA SUBDIVISÃO DE LIMITES  
ESPANHOLA E A NARRATIVA SOBRE OS  
GRUPOS NATIVOS 1783 -1801

Monografia apresentada ao  
Departamento de História  
do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade  
de Brasília para a obtenção  
do grau de  
bacharel/licenciado em  
História.

Orientador:  
Prof. Dr. Tiago Luis Gil

Brasília – DF  
Agosto de 2015



## RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade a análise do discurso de José Maria Cabrer em seu diário intitulado *"Diário da la Segunda Subdivision de Limites Española entre los Domínios de España y Portugal en la America Meridional Por el segundo comisario y geografo de ella, D.n Joseph Maria Cabrer Ayudante del Real Cuerpo de Yngenieros Principiada en 29 de Diciembre de 1783 y finalisada en 26 de Octubre de 1801"*.

José Maria Cabrer não só escreveu, também transcreveu muitas cartas, ofícios e contestações dentro dos mesmos diários, que eram de competência dos oficiais de cada partida. Sendo assim, temos mais material sobre os grupos nativos "encontrados" no caminho e seu relacionamento com os trabalhos dia a dia.

Cabrer foi um dos comandados na expedição demarcatória, ou seja, esteve a serviço de Don Diego de Alvear, tenente de navio da Real Armada. Logo, foi substancial observar o andamento da escrita do diário, pois, em algumas versões que consultei para a formulação de meu trabalho, observei discrepâncias, desde o número de páginas disponibilizadas ao autor original do diário ou diários, sendo assim este trabalho também lida com tais questões inerentes à divisão do conteúdo e formulação do diário produzido ou não por Cabrer.

A divisão e, conseguinte peculiaridade dentro do diário, também se perfaz na forma de tentar entender "quem escreveu o quê" em dado momento do texto, ou seja, existem algumas passagens em primeira pessoa, dando maior fundamentação e crédito ao "autor" acima destacado: José Maria Cabrer.

O diário foi dividido em três "tomos" bem específicos, onde busquei análise mais retida. Sendo assim, a partir das 60 (sessenta) páginas iniciais do segundo tomo, percebemos uma intensa troca de correspondências entre Don Diego de Albear y Ponce e José Maria Cabrer. Dentro das correspondências o embaraço persistiu acerca da demarcação e a ordem do Comissário para o reconhecimento do Pepirimiri, o "Rio dos Antigos Demarcadores".

Foi nesta parte dos trabalhos onde localizei o discurso do autor como objeto a ser analisado como referencial teórico metodológico nesta redação. Feito isso lancei mão de algumas questões quanto à proximidade dos indígenas com outros personagens do texto, para avaliar melhor aquilo que chamo de "equilíbrio tênue" por meio de sucessivas aproximações de um pressuposto de verdade, conjecturando que os índios fizeram escolhas em seu relacionamento com outros povos.

Neste texto os modos de reconhecimento de ações dos grupos indígenas, por vários meios, ajudam a interpretar melhor os espaços onde operaram estes personagens na minha fonte. Este texto ainda aborda outras questões relativas ao relacionamento das coroas portuguesa e espanhola que muito discordaram sobre o rumo dos trabalhos de demarcação, mostrando- nos, vários grupos autóctones frente a obrigatoriedade de escolher um lado e um rei em meio à trabalhos tão intempestivos.

Tentei, na medida do possível, extrair do texto do demarcador indícios de alguma autonomia indígena, caso ela tenha se apresentado e pudesse ser notada.

Fiz algumas análises das relações e descrições dos indígenas pelos demarcadores e pelas fontes utilizadas por eles. Sendo os “índios” apresentados em muitas partes, como operantes as margens das possibilidades e relações entre as coroas, com maior ou menor grau de autonomia dentro do jogo de interesses. Trabalho ainda com o limiar entre a fala do autor e o discurso dos padres, principalmente jesuítas, nesta redação.

Ao ler este texto, a variação de interesses derivará das intenções de seu observador, devendo este interesse sempre ser pesado. Mas cabe ao leitor sempre fugir do historicismo textual e do presentismo inerentes, principalmente, ao campo da temática indígena, pois é fundamental em minha proposta adicionar mais pontos de análise à discussão dos indígenas em meio aos trabalhos localizados na expedição demarcatória espanhola, do que o simples "fatalismo" apesador ou o extermínio de várias sociedades índias.

Em minhas ponderações tento entender como tantos indígenas “poderiam” ter ou tiveram um importante papel na construção da ordem dos trabalhos. Para isso passo a análise de alguns trechos de minha fonte, que creio eu, atestem no discurso do autor a "utilidade", autonomia temporal de escolha e ação e indicativos de ação indígena dentro do diário de Cabrer.

Pois, como pude avaliar, os índios não só existiram em demasia na época da demarcação, como também foram essenciais para a manutenção e existência dos trabalhos, tendo o autor reconhecido isso de forma direta ou indireta em seu discurso.

**Palavras - chave: Demarcação - José Maria Cabrer - Fronteira - Diário do demarcador - Viajantes - Indígenas - Subdivisão de limites**

## SUMÁRIO

CONTEÚDO	
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO PRIMEIRO - A FONTE "O DIÁRIO DE CABRER", SUA ORGANIZAÇÃO E DETALHAMENTO .....	9
Os tomos do diário .....	10
1.1 Mais "Índios" por ai. ....	15
1.2 As fontes mencionadas .....	18
CAPÍTULO SEGUNDO – METODOLOGIA E REFERÊNCIAS TEÓRICAS .....	20
CAPÍTULO TERCEIRO - OS GRUPOS NATIVOS - INDICATIVO DE AÇÃO INDÍGENA .....	30
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: LIVROS E ARTIGOS (IMPRESSOS E DIGITAIS) .....	41

## INTRODUÇÃO

*"Presentar la verdad, como ella es en sí, y no bender la pluma a la adualcion, o al miedo, es la obligacion del hombre de bien; porque una obra escrita sin libertad, no puede ser sino mediana, o mala: se deve respetar menos a los hombres, que perecen, que a la verdad que no muere jamás".*

(José Maria Cabrer)

O diário em questão, ou os diários, que serão aqui mostrados como "fonte" de trabalho, são fruto de uma expedição que é bem marcada pela epigrafe acima. Tal assertiva por mim dada se confunde com a mão do autor da mesma obra<sup>1</sup>. José Maria Cabrer não só escreveu, também transcreveu inúmeras cartas, ofícios e contestações dentro dos mesmos diários, que eram de competência dos oficiais de cada partida. Sendo assim, a epigrafe lançada no início deste pequeno texto comporta bem aquilo que foi a proposta de seu autor, ao se lançar em tão dura missão demarcatória pela coroa espanhola. Como sugere o título deste trabalho, trata de uma pequena introdução às mais de duas mil páginas dos diários, que abrangem assuntos diversos e uma infinidade de temas ainda pouco trabalhados. Mas, para começar farei uma iniciação aos meios que levaram a tal expedição, além de abordar ao máximo o personagem central dos diários: seu autor, José Maria Cabrer, bem como suas opiniões e demais observações sobre aquilo que é um dos objetivos deste trabalho: como foram descritos nas obras, "os indígenas" encontrados ao longo do caminho e sua relação, estranhamento e familiaridade, como o autor descreveu e conviveu com estes "nativos" outrora.

O manuscrito é extenso e foi produzido em língua espanhola, sua descrição ponto a ponto será dada mais adiante. Outra atração à parte foi seu autor, o que chamaríamos hoje de um polímata, pois, além dos conhecimentos em engenharia, ainda tratou de história natural, etnografia e geografia. O demarcador espanhol, que nasceu em Barcelona em 1761<sup>2</sup>, foi nomeado tenente-coronel no ano de 1801. Seus escritos incluem o reconhecimento do Rio

---

<sup>1</sup> CABRER, José Maria, **Diario de la Segunda Subdivicion Española.**, Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Itamaraty, 1801.

<sup>2</sup> ANGELIS, Pedro de, **Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata; ilustrados con notas y disertaciones**, Buenos Aires: Imprensa del Estado, 1836.

Pepiri-Guazú, de fundamental importância para a segunda campanha demarcatória no ano de 1777 (Tratado de Santo Ildefonso).

O trabalho relacional entre os "personagens" desta narrativa será bem explorado nas páginas que estão por vir, onde tentarei estabelecer uma relação entre os indígenas e os demarcadores espanhóis em todas as esferas possíveis a partir desta fonte, desde seus registros de ação ao indicativo de ação dos índios pelas mãos de outrem em meio ao palco de ações que se estabeleceram.

José Maria Cabrer tratou de questões de cunho mais abrangente neste diário que a questão dos próprios indígenas. As notas de rodapé são dignas de uma análise mais detida, pois carregam em si muitas explicações pertinentes ao entendimento do próprio "porque" do autor se deter tanto ao explicar algumas questões, tais como: escravidão, comércio, missionários, indígenas, conflitos, educação (ou a falta dela) e, principalmente, a crítica aos maus administradores locais para com a coroa e com os indígenas.

Meu objetivo inicial é fazer uma introdução à fonte e a suas possibilidades de análise, interpretação e explicação tendo em vista todo o seu contexto, mas com maior enfoque nas relações indígenas e na sua descrição. É importante ressaltar que não foquei apenas nos "personagens/agentes" deste diário, mas também fiz o esforço de não esquecer o contexto com o qual eles se relacionaram, pois admito aqui a facilidade com a qual se pode incorrer em anacronismos e equívocos analíticos se tais aspectos não forem concatenados.

Estruturei este trabalho desta maneira para tentar não fugir à temática analítica proposta, sendo assim ele conta, em sua estrutura básica, com a seguinte divisão: Introdução geral – Capítulo 1, onde falarei da fonte; Capítulo 2, como processei material e outros por menores do dia a dia de trabalho, desde a leitura à análise; Capítulo 3 –. Análise, propriamente dita, da relação e descrição dos nativos indígenas pelos demarcadores e pelas fontes utilizadas por eles, e a conclusão.

É interessante observar o autor deste texto como alguém que exerceu trabalhos de cunho "etnógrafo" e como alguém que exerceu mais que esta "função", querendo ele ou não, como pressuponho por inferência textual. Além de demarcar ou tentar ratificar os tratados entre duas coroas com sua partida demarcatória, Cabrer apresenta uma fronteira muito mais abrangente que as linhas que tenta colocar num mapa. Ele nos mostra uma fronteira em sentido "*lato*", que concebo como um local de conflitos e alianças. Fronteiras que não são apenas marcadas pelo aspecto e caráter físico; como convencional, aqui admito a literal polissemia das fronteiras. É com esta concepção polissêmica de fronteira que irei trabalhar,

com maior ou menor ênfase nas alianças e nos conflitos entre os "indígenas" e os demarcadores.

Na busca por mais meios para observar, analisar e interpretar minha fonte com maior pericia, busquei apoio em outro texto monográfico, intitulado: *Indios, cautivos y renegados en La frontera – Los blandengues y La fundación de Belén, 1800- 1801*<sup>3</sup>. Esta publicação esta mais próxima à minha fonte e trata mais da outra parte da “fronteira sul” que se estabelecia com as demarcações. Vale lembrar aqui o tipo de fronteira com a qual meu texto se propõe a trabalhar: fronteiras flutuantes e não bem estabelecidas ou marcadas apenas pelo aspecto e caráter físico; como convencional. Admito aqui a literal polissemia das fronteiras. É com esta concepção polissêmica que trabalho o conceito das fronteiras em sua totalidade.

Este conceito em sua abrangência também foi utilizado no texto acima mencionado onde vemos com muita clareza o esforço "estatal" num terreno intempestivo e ainda carente de uma ampla demarcação geográfica, delimitando principalmente as porções de terra pertencentes ao reino de Portugal. Com a leitura deste texto, nos questionamos sobre como defender uma fronteira assim, ainda pouco, ou nada, ratificada pelo tratado de Santo Ildefonso? Ou qual o tipo de sociedade se originou sob tais flutuações? Em princípio, não se pôde fazer isso, mas a "maleabilidade" fronteiriça ofereceu, principalmente, aos indígenas que sabiam manusear estes espaços a possibilidade de exercer certa autonomia por tempo determinado.

É importante ressaltar que o mesmo espaço maleável era compartilhado pelas investidas estatais, ladrões, estancieros e indígenas. O texto aborda o dinamismo relacional destas partes, além de falar muito sobre a temática indígena em meio a tudo isso. Sendo os “indios” apresentados como operantes "nas margens das possibilidades e relações transimperialistas"<sup>4</sup>, com maior ou menor grau de autonomia dentro do jogo de interesses. Posso, com alguma segurança, constatar que as concepções fronteiriças neste texto ajudam a pensar bastante o desenrolar metodológico de minha redação, pois muito da abordagem que os autores deram ao seu texto conversa diretamente com minhas ponderações. Eles analisaram o diário de Felix de Azara – contemporâneo de Cabrer na mesma expedição – e tal análise concatena as mesmas predileções, principalmente quando o assunto é a desordem em caráter geral – os "*infieles*" –, estabilização fronteiriça – a usurpação de terras espanholas pelos

---

<sup>3</sup> DÁVILA, Adriana; AZPIROZ, Andrés, **Indios, cautivos y renegados en la frontera - Los blandengues y la fundación de Belén, 1800 - 1801**, 1. ed. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2015.

<sup>4</sup> Idem

portugueses – e o interesse monárquico espanhol em resolver/ratificar o tratado de Santo Ildefonso. Outro ponto do mesmo texto lança mão das "notícias": a divisão populacional apresentada em quatro classes mostra bem o que chamam de "acordo dos campos", um modo "não formal", por assim dizer, de organização dos locais por onde passaram os demarcadores.

Sigo meu texto com o propósito de observar o papel distinto de grupos indígenas, mencionados na redação, com os demarcadores dentro do palco de ações desta campanha, iniciada em 29 de dezembro de 1783 e finalizada em 26 de outubro de 1801. Procurei analisar e interpretar os "grupos nativos", encontrados ao longo do caminho de José Maria Cabrer, e sua relação com autóctones por meio de seu discurso. Trabalho ainda com o limiar entre a fala do autor e o discurso dos padres, principalmente jesuítas, nesta redação.

Fiz neste limiar minha procura por "indígenas", suas ações e o indicativo delas. Tendo em vista a possibilidade de não tomar como verdade suprema os discursos sobre indígenas pela pena destes autores, busquei mais análises numa sucessiva aproximação de pressupostos daquilo que chamam de "verdade" quanto a pluralidade na tomada de decisões no palco de ações pelos indígenas e pelos demarcadores. É de grande interesse ressaltar a importância dos discursos, mas não como absolutos ou deterministas. Portanto, farei uso de uma análise, interpretação e conseqüente tentativa explicativa na busca por "indígenas" mencionados na narrativa, sendo estes participantes ativos e diretos, em menor ou maior grau, na tomada de decisões dentro da cronologia estabelecida nos trabalhos de demarcação.

Terá existido um equilíbrio, perceptível em dado tempo, nas relações entre indígenas e demarcadores, para além das relações de servidão absoluta e irrestrita, como no caso dos índios remeiros e carregadores ou de alianças pouco aprofundadas? E onde e em que exemplos no texto de Cabrer essas relações e os indicativos de ações indígenas independentes podem ou não se sustentar? Essas foram algumas das indagações que nortearam a escrita deste texto monográfico, mas sem o intuito de "dar voz aos excluídos indígenas" ou mesmo os exaltar.

Apenas tentarei, na medida do possível, extrair do texto do demarcador indícios de alguma autonomia indígena, caso ela se apresente e possa ser notada. A autonomia da qual me refiro pode ser lida nos moldes apresentados na introdução do grande livro "Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo"<sup>5</sup>, do Professor John Manuel Monteiro, quando ele apresenta Martin Afonso Tibiriça, como um expoente para exemplificar a dinamicidade das relações outrora estabelecidas nas origens da então colônia. Um

---

<sup>5</sup> MONTEIRO, John Manuel, **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**, São Paulo: Companhia das letras, 1994.

relacionamento social de alianças, e também sofrimento, onde foi se desenhando uma aliança inicial que Monteiro leu como proveitosa para ambos os lados em dado momento, lembrando-nos que os indígenas já possuíam inimigos antes mesmo dos seus relacionamentos lusitanos e que Tibiriça foi o primeiro neófito cristão aliado em muitos aspectos, desde sua conversão ao cristianismo até a admissão de João Ramalho como seu genro. Este "índio" é um bom exemplo do tipo de relação estabelecida, de sua maleabilidade, adequação com o passar do tempo e interesses. Embora não existam muitos registros a respeito de Tibiriça, aqueles que o mencionaram o colocam numa posição que ajudou Monteiro a interpretar, de forma crítica, a história social de São Paulo entre os séculos XVI/XVIII e o papel das populações nativas como central em pontuais e fundamentais estabelecimentos, bem como construções sociais importantes.

Diante disto, saliento que estes "seres humanos" em dado momento podem ter optado por um "mal menor", ou mesmo maior a depender da oportunidade de escolha. Apresentaram-se no palco de ações como agentes conscientes dentro de uma relação pautada pela dinâmica, onde se alternaram posições e ações dentro de dados contextos.

Esta é uma das possibilidades analíticas para as populações indígenas na demarcação, da qual tratarei a frente, que teve uma duração de mais ou menos 19 anos (dezenove anos), e pode ser lida como uma tentativa de ratificação de acordos entre coroas, neste caso a portuguesa e a espanhola, que operavam o tratado de Santo Ildefonso à época desta demarcação. A mesma demarcação ainda pode ser avaliada e observada de vários pontos, interpretações e ângulos distintos como sendo oriundos de acordos ou tratados anteriores, como o de Madri, por exemplo. Esta variação derivará das intenções de seu observador e dos interesses, mas cabe sempre a este fugir do historicismo e do presentismo inerentes, principalmente, ao campo da temática indígena, pois é fundamental em minha proposta adicionar mais pontos de análise à discussão dos indígenas em meio aos trabalhos, do que o simples "fatalismo" apresador ou o extermínio de várias sociedades índias.

## CAPÍTULO PRIMEIRO - A FONTE "O DIÁRIO DE CABRER"<sup>6</sup>, ORGANIZAÇÃO E DETALHAMENTO

O diário em questão, ou os diários, intitulados "*Diário da la Segunda Subdivision de Limites Española entre los Domínios de España y Portugal en la America Meridional Por el segundo comisario y geografo de ella, D.n Joseph Maria Cabrer Ayudante del Real Cuerpo de Yngenieros Principiada en 29 de Diciembre de 1783 y finalizada en 26 de Octubre de 1801*", continham inúmeras cartas, ofícios e contestações que eram de competência dos oficiais de cada partida.

Faz-se necessário um grande parêntese sobre a forma como foi escrita esta obra. Em várias passagens, nos três tomos, existem correspondências e/ou ofícios e contestações entre os integrantes da mesma campanha, espanhóis e portugueses, já que as duas campanhas se deram em simultaneidade; por isso tantas páginas de correspondências oficiais entre comissários e militares destacados, de alta patente, em meio à descrição dos trabalhos, locais de passagem e nativos indígenas encontrados.

A peculiaridade perfaz-se na forma de tentar entender "quem escreveu o quê" em dado momento do texto, ou seja, existem algumas passagens em primeira pessoa, dando maior fundamentação e crédito ao "autor" acima destacado: José Maria Cabrer. Todavia, existem passagens ou trechos narrados em terceira pessoa, não apenas os transcritos por Cabrer, mas, ao que parece, por outras mãos dentro da mesma expedição<sup>7</sup>. Cabrer foi um dos comandados na expedição demarcatória, ou seja, esteve a serviço de Don Diego de Alvear, tenente de navio da Real Armada. Foi substancial observar o andamento da escrita do diário, pois, em algumas versões que consultei para a formulação de meu trabalho, observei discrepâncias quanto ao número de páginas disponibilizadas na impressão da edição argentina, muito menor que o número de páginas que a edição que encontrei no arquivo do Itamaraty e também quanto a autoria, além do recorte que lhe foi dado. Sendo assim, destaco como a mais intrigante delas: a versão lançada em Buenos Aires no ano de 1837, justamente por dar maior margem ao debate sobre quem de fato teria escrito o diário, intitulado: "Diario de la segunda división de límites **al mando de** D. Diego de Alvear con la descripción de su viaje desde Buenos-Aires<sup>8</sup> (...)".

<sup>6</sup> Arquivo Histórico do Itamaraty no Rio de Janeiro

<sup>7</sup> Alvear y Ward, Sabina de. *Historia hispano-americana. Algunas observaciones sobre el manuscrito de Don José María Cabrer*. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-hispanoamericana-algunas-observaciones-sobre-el-manuscrito-de-don-jos-mara-cabrer-0/html/004b47de-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_2.html#PagFin](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-hispanoamericana-algunas-observaciones-sobre-el-manuscrito-de-don-jos-mara-cabrer-0/html/004b47de-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#PagFin)>. Acesso em: 25 de março de 2015

<sup>8</sup> **ALVEAR, D. Diego de**, Colección de obras y documentos relativos a la Diario de la segunda división de límites al mando de D. Diego de Alvear con la descripción de su viaje desde Buenos-Aires ..., **Buenos Ayres:**

Esta publicação de Buenos Aires está incompleta, não deu conta de toda a expedição, mas apenas de uma pequena parcela das andanças. Observem também a parte do título que grifei ("al mando"). Depois de observar esse indicativo e de analisar o texto, pude perceber que o dito capitão mandou fazer os registros, sem ter ele mesmo feito o diário. Essa é a análise embasada não só na leitura deste, mas também na edição completa do mesmo texto e com o título distinto. Entretanto, como salientado, está é uma discussão mais demorada para uma introdução, saber quantos são os autores ou o autor do manuscrito nesse momento é muito irrelevante à sua apresentação e só mencionei aqui essa incógnita para que tenhamos mais elementos para discutir em outra oportunidade. Feito esse parêntese, passemos aos pontos descritivos da obra.

O tomo I é composto por mais ou menos 619 (seiscentas e dezenove) páginas e a um prólogo, que de certo modo antecipa o assunto dos outros tomos, pois marca a saída de Buenos Ayres, até a cidade de Candelária. O segundo tomo contém a saída das partidas para o povoado de Santo Angel, e as operações suspensas devido à guerra com Portugal. No terceiro tomo temos a relação histórica geográfica, feita pelo comissário Don. Diego de Albear y Ponce, Capitão de navio da Real Armada.

### ***Os tomos do diário***

O primeiro tomo contém os 25 (vinte e cinco) artigos sob os quais trabalhariam em parte as campanhas demarcatórias de ambas as nações. Espanhóis e portugueses trataram de inúmeros assuntos nestes artigos: de "contrabando" ou a forma de com ele acabar, a assuntos ligados aos nativos encontrados – como tratá-los, para que servissem bem a ambos os lados, ou a forma como não proceder com, pois o resultado poderia ser desastroso –. Existiram muitas preocupações por parte das coroas, muito bem observadas no artigo 19.

Como exemplo deste detalhismo, observamos uma demorada discussão acerca de um espaço tido como neutro entre os limites das duas coroas, versa o artigo sobre a possibilidade de tal espaço ser um local infestado de ladrões e assassinos, devendo, os governadores, fazerem algo para solucionar o problema. Além desta questão outros trâmites mais destacados foram mencionados nos artigos, tais como a força de trabalho. A possível

fuga de um local para outro em busca de abrigo por parte dos escravos também foi tratada aqui; o autor demonstrou que os governadores deveriam acordar em devolver os escravos à outra parte, caso esses tivessem sido capturados em seu lado da "fronteira".

Algumas passagens textuais mostraram com maior clareza a campanha demarcatória e sua proposta de andamento dos trabalhos, além de mostrar a dualidade das campanhas portuguesas e espanholas em mesmo plano. A realização das aferições geográficas mencionadas pelos espanhóis mostrou uma preocupação que seria notada adiante e que pode ser averiguada nas contestações entre os comissários espanhol e português, bem como destes com seus respectivos subordinados em campo. Ambas as demarcações não concordaram em um ou outro grau, daí a importância dos registros para comparação e a preocupação por parte espanhola. Ao longo desta primeira parte, a narração fornecida perpassa vários "*arroyos*", fortes e cidades, e um destes fortes foi de Santa Tecla, para a qual foi fornecida a descrição como tantas outras: Montevideu; San Borja; Pueblo de San Miguel; Candelaria; Santo Tomé; San Joseph. Como se vê no tomo I, as notícias das andanças entre uma localidade e outra são cheias de informes e muitas adversidades: dentre estas, posso destacar a observação de planetas para a localização de locais, além de infortúnios com animais, onde um dos dragões – morto em combate – foi enterrado pelos companheiros, "como um cristão"; mas, assim que passaram pelo túmulo, viram que a cova havia sido reaberta e os pedaços do cadáver estavam espalhados por um longo trajeto. Segundo o narrador, o responsável pela abertura e conseguinte dilaceração do cadáver foi um tigre, com o qual deveriam tomar muito cuidado. Estas narrativas permeiam o texto e servem bem para que entendamos o que, por vezes, se apresentou como o "clima" dos trabalhos ambientados em terras que guardavam toda sorte de infortúnios a todo o contingente demarcador.

Este contingente foi composto também pela importância dada ao papel dos comissários. Tal importância pode ser vista dentro do texto de forma mais direta com a troca de ofícios e contestações entre espanhóis e portugueses, nas quais variam os assuntos, mas o mais recorrente é uma desconfiança aguda que foi se acirrando com o desenrolar dos trabalhos, ou seja, qual o ponto exato de onde se deveriam começar os trabalhos, bem como as demarcações em si, que também se tornaram um grande ponto de interrogação, tendo em vista que com o avançar dos trabalhos comissários, demarcadores e o resto do pessoal já não falavam mais a mesma língua, no que diz respeito aos seus acordos. E é o que se pode acompanhar nestes ofícios e contestações: uma rica e intensa troca de informações sobre o andamento dos trabalhos e muito dissenso carregado de discursos inflamados.

O segundo tomo está dividido em 4 (quatro) partes/capítulos: Capítulo 1 - *Biage de Candelaria al Pueblo de Santo Angel (...)*; Capítulo 2 - *Continuacion de la Competencia sobre los Rios Ygurey, y Pepiryguazù, ò Pequiry, y pretencion de los Portugueses à reysterar la expedicion del Paraná*; Capítulo 3 - *Continuacion del reconocimiento del verdadero Pepiryguazù (...)*; e Capítulo 4 - *Retirada de la Segunda Subdivicion española del Pueblo de San Luis à Buenosayres (...)*.

Para além dos capítulos, o segundo tomo apresenta uma série de planos topográficos também. A proposta do segundo tomo não foge muito ao título de seus respectivos capítulos, carregados de informes quanto à localização geográfica dos trabalhos.

O aumento de citações ao "surgimento" de vários indígenas dentro da narrativa, exercendo funções diversas como peões, remeiros e guias da expedição, são maiores que na primeira parte. A construção de embarcações, pelo menos "uma dezena de canoas" para ajudar no reconhecimento do local, como o autor mencionou, era muito comum em dados locais de passagem. Como descrevi anteriormente, a empreitada tão bem idealizada e detalhada, como visto no primeiro tomo, se mostrou tortuosa com o avançar dos trabalhos no tomo II.

Enfim, em algumas passagens no segundo tomo, o narrador deu detalhes sobre a falta de homens, descritos como paraguaios, sendo que essa falta foi, em dado momento, suprida por 50 (cinquenta) índios do povo de São Luis e San Nicolas. Notei ainda outra dificuldade predominante na narrativa: a dificuldade alimentar, apresentando-o em demasia nesta segunda parte do diário; em dado momento dos trabalhos, registrou-se a fome e a "necessidade" no caminho de modo muito agravantes. E seguiu assim por um bom número de páginas, numa descrição cheia de tormentas, pragas, doenças, mosquitos, fome e falta de recursos ou informações. Além disso, as coisas pioraram (péssimas condições ou falta de roupas, alimentos e os piores lugares imagináveis). As longas caminhadas proporcionaram fome em demasia.

A partir das 60 (sessenta) páginas iniciais do segundo tomo, percebemos uma intensa troca de correspondências entre Don Diego de Albear y Ponce e José Maria Cabrer. Dentro de tais correspondências a principal temática foi o embaraço acerca da demarcação e a ordem do Comissário para o reconhecimento do Pepirimiri, o "Rio dos Antigos Demarcadores". Nesta parte é facilmente visível o modo como Cabrer se expressou, demonstrando que Don Andrés de Oyarvide estava presente em algumas situações. Don Andrés de Oyarvide estava, de fato, presente em muitas situações. E esta forma de narrar a

demarcação no texto é bem característica de toda a redação, pois, em dadas partes existem menções de nomes de agentes que estavam em ação no momento em que se produziu o texto, sendo simplesmente mencionados. A minha dificuldade, se apresentou na forma de entender como foi escrita a redação do diário, foi saber em que situações estavam de "fato" presentes. Mas, superada esta fase, pude identificar com mais tranquilidade os agentes mais destacados no texto.

Durante as correspondências entre os homens acima mencionados e dentre os documentos, como os ofícios e contestações, notamos outros importantes nomes de demarcadores, de ambas as partidas – portuguesas e espanholas –, tais como: Don Nicolas de Arredondo – Vice Rei do Rio da Prata –, Don. Juan Jose Valdes, Don. Joaquin Guadin, e Dr. Joseph de Saldaña, são mencionados na página 23 (vinte e três). Como demarcadores da segunda campanha: O Índio Joseph Xavier Arirapy, Luís de Vasconcelos – Vice-Rei do Brasil –, Don. Felix de Azara – Comissário de limites da terceira subdivisão –, Coronel Francisco Juan Roscio, e Diogo de Albear. Alguns personagens receberam maior destaque na expedição, todavia, é mais comum que se tenha generalizações no modo peculiar com o qual se tratou as pessoas envolvidas no relato, ou seja, na maior parte das vezes eram: o índio, o paraguaio, o paulista, os padres, os dragões, "*baqueano*" curitibano, e muito mais formas generalizadoras, com raras ressalvas. As mazelas inerentes aos membros dos destacamentos da demarcação são bem mencionadas nesta parte, pois estão registradas algumas destas desventuras no segundo tomo.

O narrador ainda perde de uma só vez equipamentos, mantimentos e braços para o trabalho – cinco índios morreram afogados, cabe o registro –. E os casos de perdas humanas e materiais se alastram ao longo das páginas, sendo que, devemos dar ênfase também a outro fator muito mencionado no decorrer dos trabalhos: o motim indígena. Esse evento ocorria, explica o autor, por conta não só dos maus tratos, mas também pela fome e das condições de trabalho impostas pelos espanhóis. Todavia, os "índios" do departamento de San Miguel, que pela proximidade de seus povos ou povoados os fazia desertar com frequência, fizeram com que os espanhóis procurassem outros do Paraná, mais práticos na perigosa navegação dos rios e acostumados ao manejo das canoas.

Algumas questões relacionadas às fugas indígenas, em um dos casos apresentados por Cabrer, e seu papel dentro das demarcações, são muito bem assinaladas nas páginas dos diários, e as notas de rodapé são muito ricas. Em um dos casos envolvendo indígenas, talvez um dos mais bem descritos nessas páginas, alguns índios tentaram fuga. "Amotinaram-se", disse o autor, e logo em seguida tomaram três embarcações/canoas, reservadas para

eventualidades, para descer o rio, com medo dos maus tratos e da fome constantes desde a primeira expedição. Fora uma vã tentativa, pois foram capturados. Diante da situação, o responsável decidiu não castigar, pois as coisas já estavam bem ruins.

Não castigar de forma violenta os índios "delinquentes", segundo o texto, foi uma das formas de manter a coesão de um grupo exausto. Entretanto, não se davam por encerradas questões como essas, mas não punir de forma severa os índios naquele momento de dificuldade se mostrou como a melhor das opções, tendo em vista a necessidade de contingente para terminar o caminho rumo às cabeceiras do Pepiry, ou morrer na tentativa.

Outra questão que circundou a pauta foi a briga pelo local de início da demarcação ou por "palmos, a mais ou a menos, de terra", em todo o texto. Vê-se de forma mais clara essa briga nas contestações portuguesas, defendendo a posição de seus demarcadores. Este diálogo de contestações e ofícios, ou o contrário, estendeu-se por muitas e muitas páginas, tendo seu ponto de encontro sempre na contestação ou reafirmação do artigo 8º (oitavo), que segue:

*"Quedando ya señaladas las pertenencias de ambas as coronas hasta la entrada del Rio Pequiry en el Uruguay, se han combenido los altos contrayentes en que la Linea Divisoria seguirá aguas arriba de dicho Pepiry hasta su origen principal, y desde èste por lo mas alto del terreno, baxo las reglas dadas en el articulo 6º, continuará a encontrar las corrientes del Rio San Antonio, que desemboca en el Grande de Curitiba, que por otro nombre llaman Yguazù, siguiendo èste, aguas abaxo, hasta su entrada en el Paranà por su Ribera Oriental, y continuando entonces, aguas arriba del mismo Paranà, hasta donde se le junta el Rio Yguarey por su Ribera Occidental".(Pág. 426 Tomo I)*

Muito da produção e leitura destas contestações girou em torno deste, pois ele deflagra o consenso e a discórdia entre o ponto originário das posses de ambas as coroas para o início imediato da demarcação. Entretanto, com o avançar da leitura, percebi que as querelas levantadas giravam, em grande parte, sobre a discussão de "um ponto" do qual deveriam começar as demarcações, além do sempre oportuno questionamento português a respeito de quem dentre os espanhóis tinha condições e conhecimento suficiente para apontar o local exato, indicado no artigo 8º, e para contestar as marcações portuguesas. Sem muito adiantar, digo que esta posição é um tanto quanto paradoxal, pois os portugueses questionaram um acordo que eles mesmos assinaram; mas este é só um adendo dentre tantos outros.

Um ponto muito importante nesse tomo é a querela estabelecida pela troca de ofícios entre os demarcadores e seus superiores. Com o desenvolvimento dos diálogos percebemos uma dita "verdade" para ambos os lados, tendo o Comissário espanhol

apresentado questionamentos quanto à conduta portuguesa como inidônea para com o bom andamento dos trabalhos.

Questões de ordem por vezes congelaram os trabalhos de demarcação até que novos rumos fossem acordados ou que se decidisse seguir com os artigos estabelecidos anteriormente. A partir daí pode concluir que as partes envolvidas na demarcação, ou seja, as coroas espanhola e portuguesa não concordaram em absolutamente nada quanto às marcações de ambos os lados, e não é demais dizer que o "dissenso" os unia em alguma coisa, por mais contraditória que minha assertiva possa ser.

### **1.1 Mais "Índios" por aí.**

No tomo II começa a predominância de indígenas. Assim mesmo em sentido genérico, aparecem várias vezes no palco de ações e raras vezes tiveram suas etnias divulgadas. "Surgem" como executores de várias ações, remeiros, guias, soldados, escravos, culpados pela marcação "errada" de locais, em meio a alianças locais. Pela leitura do documento e pelos números mencionados percebemos um elevado contingente de indígenas dentro da campanha. Em dado trecho foi relatada a: "*Diminuicion de 20 yndios de la tripulacion de Candelaria*"; "50 índios carregadores"; 10 (dez) Índios enfermos; Índios "tupices" (sic), ameaçando a expedição. E, existe outro adendo muito bem observado e registrado no texto, "a nomenclatura indígena".

O idioma predominante foi o idioma Guaraní – pelo menos isso foi admitido pelo autor no que tange a comunicação inicial de padres jesuítas com os índios –. Isto pode ser observado desde a nomeação dos locais até a localização de "*arroyos*" e rios. A nomenclatura indígena figura como um pressuposto até mesmo para justificar o erro na marcação do rio Pepirimiri, o "Rio dos Antigos Demarcadores", e todo o embarço acerca da demarcação. O uso de explicações tendo como base a nomenclatura indígena é vasto, inclusive o rio da discórdia entre portugueses e espanhóis: Pepirimiri. O comissário português apontou discrepâncias semânticas, a respeito do nome do rio em ambas as demarcações, sendo que o uso da língua GUARANI naquelas terras marcava o nome do rio e, logo, indicava a confusão também.

Por fim, a partir da troca de ofícios e de contestações entre as partes, observei uma constante briga por cada palmo de terra, sendo que tal briga encontrou seus maiores culpados nos copistas, nomenclatura local e até mesmo índios que guiaram de forma errada o montante expedicionário. Logo, a culpa pela não localização de um ponto exato no qual começar, ou validar a demarcação, era de qualquer outro, menos dos responsáveis e práticos europeus.

E somada a esta validação ou não de um ponto de origem para a demarcação, ainda temos mais problemas, como a briga em outro ponto textual onde se falou a respeito "do perigo indígena". Esta parte do texto abordou uma preocupação um tanto quanto peculiar e foi assim mencionada: De que forma ou modo de tratar os indígenas para deles se extrair algo, bom ou ruim, a depender do tratamento que recebiam.

Este tratamento delicado, como apresentado em dadas passagens, foi mencionado por meio do encontro de "*las Tolderias de infieles*", pois delas poderiam advir ataques mais eminentes. Os ataques foram registrados com certa carga de detalhes nesta passagem: "***Los Yndios Tupices ó Caribes haviam imbadido la Ybernada en el 27 de Enero de este año de 1793, como a las dos de la noche, acerinando uno de los capataces, herido gravamente à varios peones, y entre éstos con muliciano del Paraguay***". Este é apenas um, dos muitos exemplos quanto a atitude indígena conflitante com os demarcadores. Eram muitos os índios Tupis Carives, ou "índios miseráveis", como descritos outrora, que deram "trabalho" ao "progresso" dos trabalhos de demarcação.

É importante frisar a relação tênue de brigas e alianças entre demarcadores e indígenas. Em muitos trechos da narrativa "aparecem" ou foram mencionados índios de guarda, escravos ou não, e isso mostra a complexa teia relacional neste espaço sem uma delimitação geográfica ainda afixada.

Em meio a isso tudo, outra dinâmica relacional se estabeleceu. Existiram questionamentos em dadas passagens textuais nas quais foram tratadas questões inerentes aos administradores que assumiram, logo após a expulsão dos jesuítas<sup>9</sup>, o posto de guarda e tutela dos índios frente ao estado espanhol. Esses foram descritos, com fervor e toda sorte de epítetos pejorativos possíveis, por Cabrer. Sendo que, em geral e em dadas ocasiões, os índios foram indiferentes, apáticos e afetos aos portugueses, sufocados com os maus tratos dos administradores espanhóis que "acabavam com a existência do miserável índio".

O autor trouxe-nos mais uma vez a oposição entre administradores e trato indígena. As amarguras da vida diária sofridas nas mãos de tão despreparados regentes administrativos foi vista pelo autor como sem esperança imediata, ao que qualificou como atos de rapina por parte dos administradores. As divagações a respeito de práticas administrativas, ou a ausência delas, se mostra com certa frequência quando analisado o discurso em várias oportunidades no texto.

---

<sup>9</sup>Disponível

em:<[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3952&secao=366](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3952&secao=366)>. Acesso em: 10 de outubro de 2015

O fim deste segundo tomo é marcado pela narrativa expedicionária do dia a dia, onde foram inclusas coordenadas/localização das partidas, localização indígena ao longo do rio Yguazu (Tolderia de mas de 100 Personas sobre las Playas). Além das ricas notas de rodapé a respeito da fuga de indígenas e seus captores.

O tomo se fecha com a notícia sobre "*Los peligros de los Yndios Barbaros*" e também de outro personagem: Paulistas Mamelucos Republicanos "*Paulistas facinerosos y foragidos de todas las naciones*".

O Tomo terceiro compreende "*la Relacion Historica Geografica de la Provincia de Misiones Guaranis hecha por nuestro Comisario Dn. Diego de Albear Capitan de Navio de la Real Armada, con notas del mencionado Geografo*". Este tomo é, basicamente, uma relação descritiva, histórica e geográfica do final da jornada empreendida pelos demarcadores. Além de várias passagens com curtos capítulos sobre a diversidade dos locais por onde passaram. Os demarcadores detalharam ainda algumas estruturas sociais, povoados, missões e outros "tipos" além dos índios, como, por exemplo, os paulistas, comerciantes e administradores locais. Sua estrutura inicia-se com a tabela de capítulos e uma rápida apresentação de sua proposta; termina com o mapa confeccionado pela campanha demarcatória nos anos de trabalho.

O tomo tem a descrição da Província do Paraguai – "***Relacion Geografico è Historica de la Provincia de Misiones. Capitulo 1 - Geografia del Pais***" –. Logo em seguida o autor descreveu os portugueses do Brasil, mas particularmente os paulistas. As localizações de rios e de locais ou povoados são mais constantes nesta primeira parte do terceiro tomo. Segue-se a localização dos mesmos rios, expressadas consecutivamente por latitude e longitude, além da Localização de *San Cosme*, por exemplo.

O segundo capítulo do terceiro tomo trata de "*Las Naciones que habitan estos Paises*". Aqui o autor identificou algumas etnias, mas não sem sua opinião. É possível identificar e estabelecer o ponto de vista do autor desta descrição indígena, claro, como um homem de sua época, dogmas e fé. Farei uma análise mais detida deste ponto à frente: As descrições dos indígenas no palco de ações demarcatórias. Embora não tenha demonstrado com muita frequência com quais índios o autor mais trabalhou é possível inferir, pelas descrições apresentadas, quem eram os nativos mais, apreciados para se associar, ao trabalho. Em passagens anteriores temos alguns casos, já citados, de indígenas compondo frentes de batalha, vigiando, carregando equipamentos ou em cargos de liderança associativa. Mas nem sempre se informou a etnia destes índios, apenas em raros momentos o fizeram, ou o local

mais exato de uma *tolderia* ou outra, mas sabemos que o "Dócil Tape" criado no seio do grêmio da igreja, sempre, sofria agressões do "infiel Minuano".

## **1.2 As fontes mencionadas**

Faço um breve parêntese nessa parte, para apontar algumas coisas que me parecem pertinentes, tendo em vista algumas citações nos diários de demarcação. É recorrente a indicação de outras fontes dentro do diário de Cabrer. Dentre as quais pude identificar até agora, referências e inferências, incluindo a observação feita pelo autor.

Foram as suas fontes mais recorrentes: Carta Latina de Candelaria; Marques de Valdelirios Diario de la Deamarcacion de Limites; A relação com o diário de Oyarvide; Manuscritos feitos pelos índios; Historia del Paraguay Li. 2<sup>o</sup>. Decada 6<sup>o</sup>; Historia de la Campaña de Jesus de la Provincia del Paraguay Libro 6<sup>o</sup>; Capitulo 16, por el Padre Pedro Lozano de la misma Compañia; Historia de la Provincia Jesuitica del Paraguay Li. 1<sup>o</sup>; Cap. 5<sup>o</sup>, por el Padre Lozano de la misma Compañia; Doctor Xarque vida del Padre Montoya Li. 2<sup>o</sup>. C.3<sup>o</sup>; Padre Montoya Li. 2 C.8.; novamente manuscritos feitos pelos índios (parece que colocam a culpa nos índios pelo seu "DESACENTO"); Conquista espiritual de Padre Montoya (vários capítulos desta obra foram mencionados, principalmente no que tange a temática indígena); mencionou-se ainda Conquistador Alvar Neñes; escritor Ruiz Diaz de Gusman.

Fiz esses parênteses aqui para mostrar-lhes quão ricos em informações são os diários da demarcação, mesmo para saber que se compunha a informação o cenário no qual estavam os trabalhos.

O capítulo quarto trata da "*Conquista espiritual y Poblacion de la Provincia de Misiones*". O primeiro tópico tratou da temática: os índios e a fé. E seguiu-se a isso uma descrição daquilo que se tentou implantar e disseminar entre os indígenas: a monogamia. Em detrimento à poligamia indígena, as novas regras foram implantadas, por assim dizer, e determinou-se a nova conduta e hábitos a serem seguidos.

Essas "peculiaridades" podem, grosso modo, ser interpretadas como a doutrinação cristã na vida nativa. Onde, até então, o "Índio Guaranie" tem o posto de "índio amigo", para citar como exemplo. Corro aqui o risco de insistir em dizer que os padres sabiam do que estavam salvando os elementos indígenas, mas nem bem conheciam os seres a serem salvos – noto essa curiosidade quando analiso o discurso do autor e onde se apoiou para descrever os índios Tapes, por exemplo, como aqueles criados no grêmio da igreja. Pode-se dizer que outrora o trabalho de evangelizar/catequizar nativos foi de não conhecer o nativo, mas, ainda

sim, de evangelizar os mesmos. Todavia é muito difícil pensar uma missão destas sem esse conhecimento, mesmo que fossem tais "seres", os nativos, alheios à realidade dos religiosos. É o meu olhar anacrônico sobre esse ponto pouco aprofundado, mas que se reflita mais sobre isso.

E o tomo tem fim explicando o valor do "*sueldo*" que deveriam ter os administradores particulares. Mais a diante encontra-se o índice e demais efemeridades encontradas no texto, além de uma gama muito vasta de subtítulos sobre a administração e composição de várias localidades.

Claro que faço aqui o uso de um "resumo" de tudo que existe no tomo, pois, caso me arriscasse a registrar aqui toda a sua extensão, com certeza ficaria sem espaço para a conclusão desta monografia. Lembro que no terceiro capítulo farei uma análise muito mais detida dos itens apresentados e nos tomos anteriores para melhor ilustrar o trabalho.

## CAPÍTULO SEGUNDO – METODOLOGIA E REFERÊNCIAS TEÓRICOS

Minha análise teve início com os trabalhos de organização documental e de paleografia, além de exaustiva caracterização documental, como relevante ou não, para a montagem deste trabalho. Como a princípio não tinha muita certeza do que estava ante meus olhos, me pus a ler todo o conteúdo do diário e, assim, dei início. Logo notei que três eram as sessões ou tomos, como identificados no diário, com temática específica e bem detalhada. No decorrer da leitura e de sua organização, notei muitas "cartas avulsas e contestações" carregadas de conteúdo político e endereçadas tanto aos membros das expedições, quanto a políticos distantes do palco de ações. E logo percebi o quão complexa é a documentação, pois existem vários anexos dentro dos diários, cada um passível de sua análise própria, como o caso das correspondências e ofícios entre espanhóis e portugueses.

Passsei a outros pontos. Com o andar dos trabalhos organizei tabelas textuais para guardar passagens e termos mais relevantes dos diários, que pudessem fundamentar melhor minhas hipóteses quanto ao campo de ação indígena dentro do palco de ações em concatenação com os demarcadores espanhóis.

Dei continuidade a leitura e tratei de fichar o conteúdo com o uso de tabelas oriundas do programa *Microsoft Office Excel*<sup>10</sup>, para que eu tivesse melhor controle do andamento das leituras e para que pudesse montar um banco de dados contendo os seguintes campos: número da página; excerto textual; tradução, quando necessário; observações/comentários gerais de cada tomo. As tabelas dos três tomos passaram com muita facilidade das 30 páginas para cada tomo lido.

Com o trabalho de leitura mais organizado e rápido, passei a ver melhor as possibilidades daquilo que é o tema central desta redação como foram descritos nas obras "os nativos indígenas" encontrados ao longo do caminho e sua relação com os demarcadores; estranhamento e familiaridade, como o autor escreveu e conviveu com estes "nativos" num meio tão intempestivo e conturbado outrora.

Feita a organização do trabalho e decidido a procurar, principalmente, a posição indígena nos trabalhos, tratei de intensificar a leitura, que exigiu exaustivo trabalho paleográfico e muita parcimônia. O diário ainda carrega nas margens de muitas páginas

---

<sup>10</sup> Excel é o nome pelo qual é conhecido o software desenvolvido pela empresa Microsoft. As planilhas são constituídas por células organizadas em linhas e colunas. Suas aplicações mais comuns e rotineiras são: controle de despesas e receitas, controle de estoque, folhas de pagamento de funcionários, criação de banco de dados etc. Disponível em: < <http://www.significados.com.br/excel/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2015

anotações avulsas e notas de rodapé muito ricas em informações que, por vezes, retiveram todo o trabalho pela atenção exigida em seu registro.

Quando finalmente terminei a leitura e tabulação de dados/excertos textuais mais pertinentes a minha pesquisa preliminar, pude notar que haviam muitos verbos recorrentes na redação; a partir desta constatação comecei a registrar sua tradução numa folha de papel. Com o tempo montei um pequeno dicionário manuscrito, pude assim dinamizar o processo de leitura, pois, os verbos que foram se revelando a partir daí, já estavam memorizados ou anotados em "meu dicionário", de modo que não precisava mais perder tanto tempo com outros sites para tradução. Todavia, algumas expressões da época, suas variáveis, eu não consegui traduzir com tanta facilidade e nessas horas recorria ao bom site da "Real Academia Espanhola"<sup>11</sup>, onde encontrei um dicionário muito pertinente ao tipo de trabalho que eu estava realizando.

Assim que finalizei a fase de leituras e registros de passagens pertinentes passei à identificação indígena e a sua localização, nem sempre fornecida de forma direta pelo autor, e concentrei meus esforços na localização de ações conflitivas em embates contra e a favor deste ou daquele grupo nativo a principio, por meio da filtragem de algumas palavras chave nas tabelas dos três tomos.

Com o avançar dos trabalhos de leitura e registros de atividade indígena, além de demais efemeridades nos anos de trabalho, pude concluir a leitura dos três tomos, montando depois um relatório introdutório para saber como proceder com os levantamentos recolhidos até então.

Com o tempo de leitura e feitura das tabelas, fui desmontando o texto a cada nova informação e separando o andamento da jornada dos demais documentos que encontrei lá dentro, como as já mencionadas cartas e ofícios. A separação do material e o desmembramento dos acontecimentos, personagens e contexto – mutável com o andar dos trabalhos –, possibilitou uma visão mais ampla do todo e ao mesmo tempo um olhar mais criterioso sobre certos aspectos descritos e pessoas envolvidas nos trabalhos quando foi necessário olhar cada caso mais de perto.

A partir da análise das tabelas e já com o objetivo traçado, pude começar em primeiro momento a localizar quem eram os “índios” mencionados por José Maria Cabrer e, logo em seguida, o local destes indivíduos dentro das demarcações.

---

<sup>11</sup> Disponível em: < <http://www.rae.es/> >. Acesso em: 10 de outubro de 2015

Foi nesta parte dos trabalhos onde localizei o discurso do autor como objeto a ser analisado como referencial teórico metodológico nesta redação. Logo, para conversar com minhas indagações, comecei então a procurar referenciais teóricos com atenção ao contexto de meu documento ou que auxiliassem no entendimento de como olhar para o discurso sobre os indígenas e seu espaço naquele período temporal, mas não de forma homogênea concentrada nos 19 (dezenove anos) de meus documentos como um todo e sim de forma mais fragmentada e concentrada numa abordagem situacional em que a dinamicidade relacional possa ser percebida.

Para entender melhor essa dinamicidade em caráter mais fragmentário tenho trabalhado com a leitura do texto do Professor João Pacheco, intitulado “Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica<sup>12</sup>”. Todavia, são necessárias, de antemão, duas explicações e constatações para entender a dinâmica dos argumentos propostos neste texto, como alerta o Professor João Pacheco: “colonial pode significar mais que dependência política em antropologia. Ou seja, pode se dar em níveis mais elaborados da vida social e Portugal não tinha um único modelo de colonização que poderia ser ou não abrangente de acordo com suas necessidades”. Estes pressupostos visam, dentre outras coisas, à desmistificação de alguns temas concernentes à temática populacional indígena, bem como propõem outros meios metodológicos para esclarecer tais pontos dentro da fundação da colônia.

Como relatei, esta “necessidade” relacional também aparece na introdução deste texto monográfico no caso apresentado de Matin Afonso Tibiriça no texto do Professor John Manuel Monteiro, como exemplo deste “jogo de interesses” entre autóctones e alóctones, mostrando-nos certo protagonismo indígena por dado espaço de tempo.

Estes textos remetem aos tempos da ocupação territorial e ajudam-me a entender a dinâmica estabelecida nos primórdios da “ocupação” territorial, não apenas portuguesa, mas também as investidas de outros povos como os franceses nas terras recém “achadas”, além de apontar certos traços de autonomia indígena por dado espaço de tempo no estabelecimento de alianças ou não com os “outros”.

O texto do Professor Pacheco tem como intenção, além de sua proposta metodológica revisionista, o questionamento quanto à visão simplista das populações autóctones. Este texto ainda se engaja no esforço de afastar os enquadramentos genéricos das

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA FILHO, João Pacheco, Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica. In: João Luís Ribeiro Fragoso, Maria de Fátima Gouvea. (Org.). O Brasil colonial. In: **O Brasil colonial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, v. 1, p. 167–228.

populações autóctones como sendo primitivas e não integrantes do “*encontro colonial*”. E aqui o interessante é o “como” se fez isso, pois o autor também trabalhou com fontes de cunho arqueológicas e etnológicas de modo sistemático abordando aquilo que chamou de fenômenos históricos “*em situação*”, ou seja, trabalhou com homens, eventos e relações concretas e singulares. Sendo assim pode levar em conta o afastamento de certas totalidades ideológicas jurídicas ou religiosas como sendo as únicas bases que explicariam ou sustentariam relações sociais inerentes à temática proposta.

O autor reconhece o árduo trabalho, mas propõe com seu método uma recuperação das populações indígenas no Brasil e seu papel para a formação do mesmo, ainda que as lacunas das fontes sejam gigantes e as mãos que tenham redigido tais fontes sejam mãos colonizantes, é possível recuperar certo protagonismo indígena.

Tendo nos avisado de seus objetivos alerta- nos para a “herança” colonial da qual partimos para a elaboração de nossas visões sobre o tema, mas essa herança não pode nos cegar, sendo assim isso não impede uma criticidade mais acentuada nos dias de hoje, é claro. Com base nessa constatação dualística, ou seja, o senso comum e as reelaborações eruditas somos inseridos em meio a um exercício de reprodução de sentido crítico pela pena do Professor Pacheco.

Ao analisar a rápida e passageira condição deste contato de primeira instância no século XVI o autor trabalha na contramão dos exemplos acima mencionados e coloca o encontro dos autóctones e dos alóctones sob uma análise primordial. Essa análise em primeira instancia contraria modelos já cristalizados e em sua predominância dualistas, como mencionados acima, gerando doutrinas e práticas divergentes delineando melhor a especificidade do trabalho proposto.

Tais especificidades também foram analisadas dentro da “literatura do testemunho”. Onde as crônicas são mais exploradas como fontes, sendo por vezes, apontadas como o início, por assim dizer, das “generalizações literárias” a respeito dos indígenas. Num tom homegeinizante constata- se uma predileção modelar ou um tipo de indígena preferido de cada narrador.

Feitas as considerações sobre o modo textual concernente às crônicas e seus autores temos uma abordagem complexa da caracterização organizativa dos indígenas, sem, no entanto apelar para uma comparação com o modelo de organização centralizada como formadoras de “estados”, como por exemplo, o atual Estado nacional brasileiro dentro dos limites geográficos conhecidos hoje não seria parâmetro comparativo às organizações sociais indígenas de outrora. É importante observar aqui a linha temporal da qual se vale o autor em

detrimento às lacunas textuais sobre os indígenas pelas suas próprias mãos. João Pacheco se utiliza em seu texto, de forma muito hábil, de saltos temporais de séculos sempre muito bem respaldados por conceitos e temáticas pontuais. Por exemplo, faz com muita habilidade saltos do século XVI ao XIX, mostrando- nos alguns conceitos estabelecidos e cristalizados dentro da historiografia, sendo que no século XIX ele buscou muitas referências para explicar a tutela indígena e seu imaginário como aqueles sem história.

No que diz respeito ao contingente indígena que outrora habitou estas terras, demonstrou João Pacheco a magnitude de milhares de indígenas e sua prevalência numérica sobre os alóctones. Mediante esta exclamação aponta para a prevalência, errônea, de muitos conceitos e termos ainda utilizados para tratar da temática indígena em pesquisas acadêmicas. O termo “descobrimento”, por exemplo, é seriamente rebatido dentro da narrativa em seu lugar optou- se por “achamento” como mais adequado, tendo em vista que as terras não estavam vazias demograficamente quando aqui apontaram portugueses e uma série de outros. Sendo assim relata:

A diferença da cena delineada pelo século XIX, no qual foram lançados os alicerces de uma historiografia do Brasil, a população autóctone desse território no século XVI não podia ser caracterizada como primitiva e rudimentar, nem era uma população dispersa e rarefeita, inteiramente distinta dos colonizadores ou das altas culturas dos Andes. O espaço geográfico da colônia não era de maneira alguma um vazio demográfico, seus primeiros habitantes viviam em configurações socioculturais bem diferenciadas e estabeleceram vínculos distintos com o processo de colonização, no qual foram peças essenciais. (PACHECO, 2014. Pág.177).

Como delineei algumas características inerentes à presença portuguesa nas terras “achadas” devem ser levadas em consideração para compreender a relação que foram se estabelecendo. Não era por terras, era por hegemonia marítima comercial... A princípio é claro, o objetivo das práticas políticas portuguesas outrora. Nesse contexto a relação amistosa com os indígenas interessava e posso fazer aqui um parêntese para inserir outro texto concernente ao esqueleto de minha análise metodológica: O texto da Professora Manuela Carneiro da Cunha, intitulado: O futuro da questão indígena<sup>13</sup>. Texto esse igualmente importante aqui por abordar questões relativas ao estudo do direito indígena, cultura e sua compreensão em caráter distintivo. Nele a autora apresenta argumentos contundentes quanto ao modo como se construiu e se constituiu uma ótica sobre os nativos desde a ocupação de suas terras, o reconhecimento de certa autonomia por parte da coroa portuguesa, mesmo que desrespeitada.

---

<sup>13</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela, O futuro da questão indígena, **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, v. 8, n. Jan/Apr., 1994.

Tal texto trata da complexa desmistificação indígena operante no Brasil, traçada entre o romantismo e a bestialidade indígena quando estas convieram ao longo do tempo e de acordo com os interesses. E quanto ao reconhecimento de certa soberania dos mesmos índios como naturais e senhores de suas terras, relatou a autora:

O princípio dos direitos indígenas às suas terras, embora sistematicamente desrespeitado, está na lei desde pelo menos a Carta Regia de 30 de julho 1609. O Alvará de 1º de abril de 1680 afirma que os índios //são "primários e naturais senhores" de suas terras, e que nenhum outro título, nem sequer a concessão de sesmarias, poderá valer nas terras indígenas. E verdade que as terras interessavam, na Colônia, muito menos que o trabalho indígena. Mas até quando se inverte o foco desse interesse, em meados do século XIX, e que menos do que escravos, se querem títulos sobre terras, ainda assim se respeita o princípio. Para burlá-lo, inaugura-se um expediente utilizado até hoje: nega-se sua identidade aos índios. E se não há índios, tampouco há direitos. (CARNEIRO DA CUNHA 1994. Pág. 127).

Bem, como podemos observar temos a constatação do reconhecimento do direito, mas tudo mudou em algum ponto ou pontos e, essa constatação temporal de alternância de interesses e focos analíticos também pode ser observada no texto de João Pacheco. Essas mudanças são percebidas dentro de uma gama de singularidades contextuais sobre o direito, cultura, trabalho/domínio e demarcação de terras.

O esforço para mostrar os pontos de confluência em que se deram contatos e as mudanças relacionais entre alóctones e autóctones, intermediados pela coroa portuguesa neste caso, ajudam-me no entendimento analítico de meu trabalho e conversam de forma direta com minha proposta de entender o discurso do autor dos diários, José Maria Cabrer e, de localizar os índios como parte integrante e consciente de suas atividades no palco das ações demarcatórias entre os anos de 1783 e 1801. Posso aqui relatar o trabalho descritivo das “pequenas” alterações que ao longo do tempo transformaram as populações indígenas em “empecilhos” ao Brasil e a relação, interpretação errônea segundo a Professora Carneiro da Cunha, ou ainda abordar o outro aspecto de sua obra, ao mencionar suas indagações sobre a convivência e o estabelecimento “nada romântico e extremado” que se deve ter com as populações indígenas hoje.

Mas detenho-me ao “modo” como ela elaborou e explicou cada ideia encadeada, contexto e situações de encontro colonial e situação indígena numa linha temporal muito ampla. Assim aproveitarei melhor o trabalho metodológico por ele se alinhar mais as possibilidades que apresenta a fonte que agora estudo, onde não posso, assim como a Professora me agarrar ao romantismo interpretativo sobre os índios ao longo do tempo, mas sim observar as mudanças situacionais apresentadas de acordo com a “pauta” de cada

necessidade no que diz respeito ao indígena e, isso está de certo molde arraigado as minhas análises no diário de José Maria Cabrer e em minha busca analítica do discurso dele a respeito da transitoriedade indígena nos trabalhos de demarcação.

Outro ponto inerente à metodologia aqui tratado vai ao encontro dos levantamentos e constatações feitas pelo Professor João Pacheco no que tange a “necessidade” temporal de sujeição indígena, quando esta interessou, aos portugueses, que não mais buscaram associados, mas sim colonos súditos católicos de sua majestade real portuguesa. Além é claro da pronta demarcação territorial para, agora sim, assegurar suas posses frente a inimigos como os franceses.

Dentro desta lógica os indígenas foram perdendo cada vez mais espaço de ação ou simplesmente o registro dela. Sem querer reduzir o trabalho textual do Professor apresento o cenário que envolveu seu raciocínio, para mostrar com mais clareza os recursos pontuais dos quais se utilizou para ilustrar sua metodologia que esta embasada no que chamou de agentes “*em situação*”. O texto de João Pacheco, segundo ele, se apresenta dentro de uma lógica processualista e sociológica e não essencialista estética, para buscar compreender os desdobramentos das categorias no tempo com maior precisão. Sendo assim devemos nos atentar para os riscos da falácia do presentismo das crenças no extermínio X proteção.

Sua análise esta pautada na observação contextual que foi elaborada desde pessoas que se fixavam para negociar com mais facilidade no principio do “achamento” até a demonstração de Índios Caetés aliados franceses ou mesmo na apresentação dos núcleos de povoamento respaldados por um governo centralizador e subordinado ao rei, mas que com o passar do tempo passaria a ter o controle territorial mais austero e um nativo submisso.

Pois bem, dentro dos quadros da dita submissão a necessidade do estabelecimento de um tipo de domínio foi se delineando com o tempo. O que chama nossa atenção para a possível “contradição” da coroa portuguesa em suas intervenções indígenas, todavia tais práticas contra censuais por parte da coroa se mostraram muito bem esclarecidas pelos textos mencionados.

E a outra observância que nos cabe é olhar o passar do tempo e perceber os dispositivos legais marcando cada vez mais espaços de disputa.

O autor chama atenção mais uma vez para os problemas metodológicos inerentes ao estudo de certas situações específicas na história, apenas, pelo olhar do colonizador. Onde olhariam exclusivamente para questões de trabalho, por exemplo, ou conflitos e resistências indígenas mediante a colonização, como no caso das guerras justas. Sendo assim nos pede

maior atenção à tomada de outras posições além da dualidade “submissão e resistência” indígena, quando estas puderem ser constatadas.

O texto e sua intenção questionadora quanto a visão simplista das populações autóctones é muito rico para minha “introdução monográfica” com a fonte que escolhi trabalhar. Creio que eu tenha tido o cuidado com a polissemia de alguns termos até agora dentro de minha redação monográfica, além de buscar em minhas referências um bom enquadramento metodológico as minhas indagações/hipóteses, que temo não ter espaço suficiente para fechar nesta monografia, devido ao reduzido espaço que a mesma apresenta e exige.

O autor trabalhou aquilo que chamou de situações históricas, para assim compreender e ver melhor os atores sociais distintos em meio às configurações de poder, sendo assim permitido entender, articular e dar sentido a um conjunto de estratégias e ideologias dos agentes históricos.

Logo explica: A cada situação histórica, portanto, irá corresponder um regime específico que orienta ações, narrativas e conhecimentos no sentido de uma modalidade de construção da colônia. Como mostrei antes dentro de seus argumentos Pacheco nos insere em pequenos espaços de transitoriedade explicativa onde notamos certa mudança. E tenho me concentrado neste tipo de análise mais detida como ele a Professora Carneiro da Cunha apresentaram em seus textos de forma singular com os agentes em pontos específicos. Tenho trabalhado, ou tentado pensar nas especificidades temporais na localização da agência indígena dentro do discurso de Cabrer para procurar seu espaço nos trabalhos e mostrar em dados pontos permissivos pela fonte a ação indígena independente até certo ponto.

Lembro ainda da pertinente crítica feita pelo Professor Pacheco e que encontra reforço no mencionado texto da Professora Carneiro da Cunha, uma crítica sobre representações sociais indígenas, com marco inicial no século XVI, que perpassou séculos e estruturou-se sobre uma nação e continuou a se configurar por anos a fio como formas e regimes de representação.

Pois bem, explicadas as minhas predileções metodológicas, ainda em formulação devo admitir, pois a adequação deste estudo tem muitas nuances para que eu me feche em teorias acabadas e redondas, por assim dizer e, feitas as considerações sobre conceitos mais gerais dos quais tentarei me valer no enquadramento metodológico mais próximo à minha temática procurarei analisar o discurso apresentado pelo autor inerente à temática indígena e seu contexto de produção, bem como o seu posicionamento diante dos indígenas dentro de um caráter etnográfico ou não.

Feito isso lancei mão de algumas questões quanto à proximidade dos indígenas com outros personagens do texto, para avaliar melhor aquilo que chamo de "equilíbrio tênue" por meio de sucessivas aproximações de um pressuposto de verdade, conjecturando que os índios fizeram escolhas em seu relacionamento com outros povos. Outra questão que abordarei para uma construção metodológica mais sólida foi a verificação do discurso sobre os índios, ou os possíveis discursos, tendo em vista a possibilidade de este texto ter sido confeccionado à várias mãos. Logo que fiz esse filtro tratei de elaborar minha interpretação dentro de uma estrutura organizacional mais voltada as questões plurais inerentes aos índios do texto, bem como uma averiguação do seu local no palco de ações, tal qual o plano metodológico embasado no "regime de memória" apresentado pelo Professor João Pacheco em outro texto intitulado: A presença indígena no nordeste<sup>14</sup>. Neste texto os modos de reconhecimento de ações dos grupos indígenas por vários meios ajudam a interpretar melhor os espaços onde operaram estes personagens na minha fonte, sendo que em seu texto o Professor divide em no mínimo três os regimes para melhor trabalhar o espaço proposto. Pois como explica o autor às indagações que formularam todo o trabalho surgiram do desconforto do "desaparecimento" indígena na região destacada, além da variada gama de discursos sobre "extinção indígena" que acaba por conversar diretamente com levantamentos inerentes a "invisibilidade indígena", não só na região em específico o nordeste, mas também a invisibilidade com a qual tenho que lidar por meio do discurso de Cabrer. Pois bem, uma vez que percebi a relevância do regime de memória para meu texto coloquei-me a pensar sobre como observar melhor o espaço de ação dos "índios" dentro do discurso que analiso, pois como disse João Pacheco:

Ao contrario do historicismo e do presentismo, é preciso aprofundar a compreensão sobre a presença indígena em cada uma dessas situações, a fim de estabelecer como funciona um regime de memória que associa ações, narrativas e personagens, prescrevendo-lhes formas de construir significados. (OLIVEIRA. Pág. 12).

Tudo isso deve ser levado em conta, mas sem é claro descuidar das competências inerentes a pesquisa como a multiplicidade de fontes e histórias a serem entrelaçadas, dentre outros pormenores analíticos como alerta o Professor, para que se lide com o regime de memória.

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA, João Pacheco, **A presença indígena no nordeste - processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória.**, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

A partir de uma linha de pensamento aplicada a minha fonte fiz um levantamento das regularidades e irregularidades no que tange ao vocabulário que se dirigiu ao "nativo/índio" e demais grupos que tenham sido citados na obra, tendo em vista que esta abordagem dará mais segurança e fluidez ao texto.

O espaço de organização social indígena, reconhecido ou não, no texto "fonte" em concatenação com os itens acima mencionados, como temas centrais para uma discussão mais abrangente, formarão vários eixos temáticos de minha redação mais adiante, pois busco maior esclarecimento sobre os mesmos e me parece um bom caminho para testar minha hipótese de equilíbrio tênue e de tentar verificar o caráter etnográfico inerente ao autor do diário. Em minhas ponderações tento entender como tantos indígenas "poderiam" ter ou tiveram um importante papel na construção da ordem dos trabalhos.

Agora, já tendo explicado a possibilidade de sustentação de minha proposta metodológica com base nas referências deste capítulo, passarei à análise de alguns trechos de minha fonte, que creio que atestem no discurso do autor a "utilidade", autonomia temporal de escolha e ação e indicativos de ação indígena dentro do diário de Cabrer.

## CAPÍTULO TERCEIRO – OS GRUPOS NATIVOS - INDICATIVO DE AÇÃO INDÍGENA

*"... En aquella Ribera por disposicion del Corregidor del Pueblo de San Miguel Dn. Pasqual de Areguati (Yndio unicamente en su nacimiento)".(Pág.263 Tomo I).*

(José Maria Cabrer)

Esta pequena epigrafe acima da conta da mobilidade do "estatuto indígena" dentro da realidade estabelecida outrora. Como mencionado anteriormente no capítulo II, não pretendo embasar minha análise aqui na dualidade – explorador/explorado, ou incorrer no romantismo quanto a uma aceitação de "cultura imutável" do indígena como inadaptável. Estas ponderações quanto ao entendimento "lato" de cultura, já visto com a Professora Carneiro da Cunha e com Roque de Barros Laraia<sup>15</sup>, admitindo a pluralidade interpretativa deste termo. Ainda discutindo com o texto do Professor João Pacheco e de sua metodologia analítica para localizar a ação indígena, reclamando sua relevância, creio que seja por meio de uma aproximação de seu método de trabalho, com base no "encontro colonial", em fenômenos históricos "em situação" que eu possa delimitar e começar minha análise mais detalhada, sem incorrer em anacronismos ou no tradicional historiográfico de modo pejorativo.

Logo decidi adotar a análise de eventos dentro de minha fonte para observar a situação em que se encontraram tais agentes dentro de fenômenos mais característicos. Essa será a base de minhas ponderações analíticas quanto a ação ou indicativo da mesma pelo discurso do autor.

O espaço de agência do índio foi "lato", pois atuaram em diversas frentes mencionadas pelo autor. Espaço este compreendido desde a navegação à função militar e, como agentes envolvidos no meio ou no palco de ações, até como agentes que sofreram com a ação das coroas e de seus administrados por meio de suas políticas demarcatórias ou de tutela como observado com o passar do tempo e utilidades.

A forma como se percebe a construção do discurso autoral do diário da larga margem, como veremos a interpretações muito variadas de indígenas e o desenvolvimento dos trabalhos no dia a dia. Mas como se vê no relato o diário acabou por revelar uma

---

<sup>15</sup> LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**, 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

dinamicidade muito maior que as medidas em latitude e longitude a que se prestou, inicialmente, o serviço de registro em diário. E para dar maior ênfase a essa assertiva desdobrarei aqui alguns pontos onde creio ser de mais fácil tal observação situacional.

No princípio da leitura das fontes uma pergunta foi levantada: Até que ponto Cabrer é uma fonte razoável para entender o nativo da época? Ou ele seria apenas mais um pensador expoente daquilo que nos habituamos a chamar de "pensamento eurocêntrico", sendo ele um europeu? E para pensar esta questão creio aqui na constatação do Professor João Pacheco, quando fala a respeito da herança que todos temos deste "eurocentrismo", mas que não nos exime da responsabilidade, aqui entendida como ser fiador de si e de outrem, de assistir o exercício e tentativa de se testar entre essa "herança" colonial da qual partimos, todavia partimos sem nos deixar enganar por ela não contrariando os princípios críticos, hoje, estabelecidos inerentes à matéria. Assim ele nos mostra a complexa dualidade que pode cercar a minha indagação acima.

Contudo, Cabrer não é nosso contemporâneo e não posso aqui incorrer no erro de admitir que ele estivesse tão preocupado quanto eu com o seu posicionamento quanto a "este ou aquele" autóctone, nem com como correlacionar estes e suas ações de modo a dizer se eles responderiam minhas questões ou de outros tantos que agora trabalham seu diário. Entretanto, é válido o exercício de situar este homem dentro da própria lógica textual, ou seja, achar em meio a tantas linhas as suas assertivas e posicionamentos.

Até agora ele não fugiu muito aos enquadramentos cronistas vistos anteriormente, como aquele que elege um padrão indígena à conveniência ou exalta certa etnia por conta de certo conforto com a mesma. A "novidade" em sua escrita aparece, a meu humilde ver, na não delimitação de seus registros, bem ou não ele registrou mais do que se propunha a princípio, mas não encontraremos neste autor "um defensor" indígena e, nem busco tal comparação, mas ele também elegeu seus favoritos, relegou outros uniformizando-os e falou de muitos deles "quase que sem querer" e por isso os notamos.

Tendo localizado sua visão concernente a este ou aquele assunto, pude ver com mais clareza a profundidade com a qual deveria lidar com as nuances do texto e, sendo assim, decidi abordar algumas especificidades e trabalhar o maior número possível de exemplos para reforçar meus argumentos quanto ao discurso do autor sobre os nativos indígenas dentro das demarcações.

Posso agora tratar do entendimento e preocupação com a fronteira, uma vez já estabelecido o autor em seu ponto de vista a respeito da questão central do meu texto.

Como salientado na descrição da fonte, existiram muitas preocupações por parte das coroas, muito bem observada no artigo 19 (dezenove), como exemplo deste detalhismo, acerca de um espaço tido como neutro entre os limites das duas coroas, onde, segundo o mesmo artigo, poderiam ter sido abrigados ladrões e assassinos, devendo os governadores ter feito algo para resolver tal fato. Outros mecanismos mais relevantes a essa primeira parte mencionadas nos artigos são: A força de trabalho. A possível fuga de um local para outro em busca de abrigo por parte dos escravos também foi tratada aqui, alega o autor que os governadores deveriam acordar em devolver os escravos à outra parte, caso esse tivesse sido capturado em seu lado da fronteira.

Lado este não muito estabelecido ainda no momento dos trabalhos e neste espaço situacional os indígenas viviam também suas vidas de modo a não conceber, creio eu, uma idéia tão fixa de fronteira, se é que esta idéia existia. A partir da demarcação territorial entre coroas e do domínio e sujeição indígenas essas populações passariam a viver entre linhas limítrofes que demorariam muito a se estabelecer como, de fato válidas, mas que uma vez desenhadas mudariam suas realidades em menor ou maior grau colocando-os numa variada e complexa teia de temas.

Como apontado desde o primeiro tomo notamos este contexto recheado de trocas de acusações sobre pontos ou um ponto mais exato para começar os trabalhos. Além de inquietações lançadas pelos portugueses a respeito da competência de alguém na equipe espanhola para identificar o ponto exato de onde deveriam começar os trabalhos. Temos ainda questionamentos espanhóis que se mostraram divergentes dos trabalhos portugueses, no que tange ao local de origem de alguns rios e a capacidade das pessoas que, de fato, conhecessem tais localizações para que chegassem ao um consenso.

E até mesmo nos dissensos os índios foram reclamados e apontados como tendo certo grau de responsabilidade sobre ações que ditavam o caminho dos demarcadores, pois, com o inflamar das acusações os guias (*vaqueanos*) que eram em sua maioria índios, tiveram que arcar com a culpa por não saberem guiá-los ao local exato. Bem, se a acusação dos comissários para com os índios foi ou não procedente não me interessa, o que interessa é registrar sua ação e participação naquele local com alguma efetividade e relevância para o bom andamento dos trabalhos.

Mesmo nestas situações os índios estiveram presentes e foram registrados nestes e em outros momentos oportunos e inoportunos, quando fugiam por medo ou fome de espanhóis ou portugueses para sua sobrevivência e, não foram poucos estes registros também. Aliás, estas constatações já permeiam logo a principio da falácia organizacional no

acampamento central das expedições em seus 25 (vinte e cinco) artigos de abertura que deveriam ser seguidos como "norte orientador" pelas campanhas, pois esta expedição demarcatória foi muito bem organizada, pelo menos nos papéis iniciais se nota isso com muita clareza. O registro de quem desempenharia cada função foi muito bem marcado no primeiro tomo, sendo que só vi tal preocupação com indígenas de forma tão acentuada novamente no tomo III, quando uma série de regulamentações e de "modos de como tratar ou não os índios foi se acentuando no discurso de padres, administradores e outros moradores interessados nos serviços indígenas".

Estas são apenas algumas "aparições" indígenas no decurso dos trabalhos, exercendo variadas funções. Uma delas marcada na epigrafe que abre o capítulo terceiro: "um índio, apenas em seu nascimento", chama atenção pelo caráter de transitoriedade do estatuto de índio. É o que diz a epigrafe. , como a sociedade local concebia e via tal "homem" e pela sua posição *Dn. Pasqual de Areguati* não era mais índio segundo o registro no diário. Saliento que encontrei outros destacados indígenas dentro dos trabalhos, tal qual o índio Joseph Xavier Arirapy, evidenciado algumas vezes no texto como um dos demarcadores em destaque. Entretanto, poucos índios foram registrados nesta posição como alertado pelos autores que li e discuti no segundo capítulo de minha redação. Sendo assim creio ter evidenciado certa "invisibilidade indígena" frente ao discurso de Cabrer, ou seja, sempre que alguns nomes indígenas eram citados, como os nomes acima, foram para evidenciar uma efemeridade, mesmo que os nativos fossem tão numerosos não ocupavam cargos de importância elevada nos trabalhos. Pude constatar que ao índio foi relegado o papel secundário com o passar do tempo e organização social de modo homogeneizante dentro de um esforço estatal para controle fronteiriço e populacional.

Infelizmente os casos acima são exceções, pois a etnia ou grupo indígena raramente mencionados, a não ser no tomo II. Mas até lá noto os indígenas assim descritos: de modo genérico e como executores de várias ações. Mas assume o autor que o idioma praticado em predominância era o Guaraní, além do mais as habilidades indígenas eram sempre exigidas desde o fabrico das canoas ou a utilidade como guias das mesmas nos rios.

No que tange ao conflito os indígenas foram muito bem mencionados, só que mais uma vez à conveniência do autor, como belicosos e sem motivo para a guerra em dadas etnias. Uma narrativa composta por muitas lutas se desenvolveu pelas mãos de Cabrer, sem, no entanto, deixar de abordar alguns indígenas como "selvagens ou bárbaros".

Passo agora ao uma análise da participação indígena mais detida no segundo e terceiro tomo do diário, onde encontramos com maior rigor a aplicação de normas e

identificação de algumas etnias no país. Aqui se falou de "*Las naciones que habitan estos paises*".

Desenvolvo agora a temática já levantada na introdução deste trabalho concernente a este tópico em específico, dede o "Dócil Tape" criado no seio do grêmio da igreja, sempre, sofria agressões do "infiel Minuano" aos outros grupos mencionados.

Mas antes de fechar o segundo tomo e tratar de algumas especificidades, lembro que no final do tomo II temos as configurações políticas sobre as populações autóctones, seu controle e gestão estiveram também a cargo, em grande parte, dos padres jesuítas. Os padres, administradores e os colonos travaram muitas lutas pelo controle dos indígenas, cada um com seu alegado motivo, mas com os índios no centro da questão, encontrei no fim do segundo tomo a seguinte passagem referente a "*Descripcion del Salto Grande del Rio Yguazù, ò Grande de Curitiba*", Localização indígena ao longo do rio Yguazu (*Tolderia de mas de 100 Personas sobre las Playas*). Além das ricas notas de rodapé a respeito da fuga de indígenas e seus captores, como esta:

*El año de 1732, perseguido de los Mamelucos el Padre Antonio Ruiz de Montoya traslado em 700 Balzas por el Paraná, 12 mil Yndios, Reto de las Reduciones del Guayra a destruídas por aquellos tiranos al Rio Yabebiry fundo los Pueblos de San Ynacio y Loreto existentes em el dia.(Pág. 578 Tomo I).*

Observem o número de indígenas de uma única vez, isso deixa bem claro a proporcionalidade do contingente indígena organizado a disposição ou não dos espanhóis e de outros. Farei agora a análise de uma passagem textual que aponta para as predileções do autor na descrição dos nativos com os quais ele teve ou não contato direto e aqui localizou o autor um contingente substancial da vida indígena antes da chegada ou "achamento" daquelas terras por alóctones.

Temos aqui uma página muito rica em informações a respeito do modo como se trataram os índios e a relação entre governantes e estado:

*"Yndios ó naturales sonbalientes, sufridos y subordinados como desde tiempo inmemorial lo han acreditado y consta en la historia por los distinguidos servicios que han hecho al Rey en los conflictos de las turbulencias de estos Países; pero en la actualidad en quanto se presenten los Portugueses se uniran a ellos, por su natural afecto à la novedad en razon de que odian el nombre español por el mal trato que desde la espulsion de los Jesuitas han recebido y experimentan de los Administradores, y la perversa política de los Portugueses que los alagan para atraerlos à su partido, como V.S talvez tendrá conosimiento que con este sistema sacò Gomes Frêyre de Andrada sentenares de familias de estas Doctrinas, para aumentar las Poblaciones Portuguesas tan escasas en aquella época... (Pág.406. Tomo II).*

O questionamento final na passagem acima foi também uma constatação, registrada nas páginas dos diários. Os administradores que assumiram logo após a expulsão dos jesuítas foram descritos, com fervor e toda sorte de epítetos pejorativos possíveis, por Cabrer. Sendo que, em geral e em dadas ocasiões, os índios foram indiferentes, apáticos e afetos aos portugueses, sufocados com os maus tratos dos administradores espanhóis que “acabavam com a existência do miserável índio”.

Mais uma vez oposições como “Administradores e trato indígena” foram mencionadas. As amarguras da vida diária sofridas nas mãos de tão despreparados regentes administrativos eram vistas pelo autor como sem esperança imediata ao que ele qualificou como atos de rapina por parte dos administradores.

Em outros pontos detalhou os indígenas "achados" em *tolderias* pelo caminho entre os povoados que foi passando e a isso dedicou todo um capítulo, perpassando a leitura política de suas relações àquela altura.

*"Quando la conquista ò descubrimiento de èstas Provincias, poblava las margenes del Paranà y Uruguay un numero conciderable de naciones: los Pampas, los Minuanes, los Chechehets, los Guanòas, los Chioasas, Ò Chiloasas, los Yaros, los Caracaras y otras ocupaban la ribera del Rio de la Plata: los Boanes, los Timbùes, y los Charruas llenavan las del Rio Negro y Carcaraña (1): acia la altura de Santa Fê los Lules, los Tonocotes, los Abipones, los Mocobis, los Diaguítas, los Humaguacoas y Comechingones: en la Provincia del Paraguay dominava la numerosisima Nacion de los Guaranies ò Carios, dividida en varias ramas: los Tapes: los Guañinas: los Guaycurus, los Payaguas: los Ybirayara: en el Guayra y Paranàpanè asistian los Tayaobas, los Cabelludos, los Camperos: y finalmente acia las cavezeras del Uruguay los Tupis y Carives.*

*El largo Catalogo de todas ellas que referen los Autores, nos llevaria muy lexos sin utilidad. Su caracter distintivo, ó era quimerico, ó consistia por lo regular en puros accidentes: como sierta diferencia en el lenguaxe: las mas de provincial, y alguna divercida en los modales, o costumbres. Su denominacion vaga venia comunmente ò de aquel de sus primeros ò mas famosos Caciques que los habia mandado, ò del parage en que vivian, variando confrekuensi segun èstas circunstancias; y èsta ès la verdadera causa de su rara multiplicacion. Su origen aun mas incierta, y desconocido, ha dado lugar à multitud de ridiculas fabulas, ficciones poeticas, y otros congeturas de escritores mas ingeniosas que verídica...*

*La docil y numerosa Nacion de los Guaranies ò Tapez (1) que receviò la luz de la Fê, y el suabe yugo de nuestros Catolicos Monarcas, reunidas en èstas Misiones poe la apostolica predicacion de los Jesuitas: sus hermanos y vesinos los Tupies ò Carives, sangrientos è implacables enemigos: los pasificos Minuanes: y los beliciosos Charruas, por decir mas à nuestro intento, llamaron nuestra particular atencion; y por lo que ellas se diga, se puede venir en conosimiento de lo que seràn las otras, con las que tienen mucha coneccion". ( Pág.06. Tomo III).*

As descrições acima são partes fundamentais para a localização dos indígenas no palco de ações demarcatórias, embora não tenha demonstrado com muita frequência com quais índios o autor mais trabalhou é possível inferir, pela descrição acima apresentada, quem

eram os nativos mais apreciados para se associar ao trabalho. Em passagens anteriores temos alguns casos, já citados, de indígenas compondo frentes de batalha, vigiando, carregando equipamentos ou em cargos de liderança associativa. Mas nem sempre se informou a etnia destes índios, apenas em raros momentos se informou tal etnia ou o local mais exato de uma *tolderia* ou outra, mas sabemos que o "Dócil Tape" criado no seio do grêmio da igreja, sempre, sofria agressões do "infel Minuano".

Cabrer descreveu o povo Guarani num longo texto, todavia, podemos encontrar "semelhanças" com a dita mitologia que cercou o imaginário dos homens de seu tempo sobre "a origem" do povo Guarani. E por meio das inferências oferecidas em tal descrição esbarramos no imaginário descritivo do homem europeu, que, a meu ver relaciona sua explicação sobre os Guarani, com a mitologia da fundação de Roma, pelos irmãos Rômulo e Remo, a uma, possível, etnologia, quando assim os descreveu:

*Origen de los Guaranies - La mas antigua, y talvez, la mas probable tradicion que corra entre los yndios Guaranies sobre su desendencia ò Linage, referia: que ella en los primeros tiempos cuando planta de la humana especie na havia ollado las Americas, y eran solo havitadas de tigres, leones y otras fiêras: aportaron sobre una embarcacion a Cabo Frio dos hermanos con sus familias de la otra parte del Mar Oceano...(Pág. 08. Tomo III)*

Em contra partida os Minuanos e Charruas foram descritos como sendo de origem desconhecida. Ao fim de longo texto descritivo de como ele, o autor, interpretou ou não os Minuanos Charruas, volta a enaltecer as origens dos Guaranies, com comparações anacrônicas e assemelhando tal discurso a "mitos" de fundações europeias.

*“Si alguno concervaba su primitivo nombre, de nacimiento, lo so lia mudar en èsta ocasion, tomando otro de famoso, à de eroe: y todos en ela van por hacerse de algun diente, ò hueso de las victimas, que guardavan superticiosamente, como sagrada reliquia: creyendose invunerables, qual otro Achilles, à sus enemigos”.( Pág.19 e 20. Tomo III).*

Dentro desta grande descrição ainda temos o "*Gobierno y Casiques*", os assim denominados "Chefes" indígenas. Para falar destes personagens e descrever a forma pela qual eram "eleitos" se utilizou de linguagem/termos mais próximos de sua realidade particular. Os termos "Vassalos e feudo" foram mencionados na descrição, ao explicar o poder e eleição dos caciques. Além, se observarmos o final do longo trecho acima transcrito, podemos nos fazer algumas indagações sobre a comparação estabelecida pelo autor, quando disse: "*creyendose inbunerables, qual otro Achilles, à sus enemigos*". Seria Aquiles grego, o Aquiles da *Ilíada*<sup>16</sup>

<sup>16</sup> HOMERO, *Ilíada*, 2. ed. Cótia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

de Homero?! Parece que sim, tendo em vista que ao longo deste capítulo o autor mencionou Roma e um dilúvio mítico, parece que o mesmo conheceu bem alguns destes temas e neles encontrou uma analogia possível para interpretar o que via, ouvia e ouvia dizer.

A vida e costumes nativos foram mencionados, aliás, bem mencionados, entretanto a mão do autor pesou quando tentou demonstrar o modo de vida indígena. Ao mencionar a guerra e, suas motivações, irracionais aos olhos dele, também falou dos costumes "errantes" destes povos, como segue.

*El modo de "vivir de los Guaranies, y sus costumbres gentilicos, no eran menos irracionales que sus guerras, y selebridad de sus victorias. Andaban comunmente errantes de unos Pagos à otros por las orillas de lois Rios y Arroyos, por las Sierras y Montes: mudan sus Tolderias (que no eran otra cosa que unos pequeños Ranchos movibles, ò Chosas compuestas de ramas de arboles, esteras de paxas ò juncos, ò talvez de pieles de animales) al paso que escaseaba en aquel parage la pesca ò caza, frutas, y miel silbestre, que era todo su alimento. Su bestido ordinario era el que les dio Naturaleza, ò se cubrian cuando mas con un cuero en forma de manta, llamado Toropi, que pendia de los hombros à los rodrillas. Otros por toda decencia usaban un lexido claro de ojas de Palmas, particularmente las Mugerres, que eran algun tanto recatadas(...) Los Padres sin apego à la sangre propria, en dotar a las hijas, las entregaba à sus pretendientes por una vil grangeria de Mandioca ò Maiz; mas parese que aguardavan antes à que diesen visibles indicios de hacer ya en la puberdade, tambien las solian exponer à crueles pruebas, ya de largos ayunos, ò conciderables abstenencias, ya exsesivos trabajos, y otras austeridades; para calificar de ai su fortaleza, y la esperanza que de ellas se podian prometer (Montoya Conquista espiritual Capitulo 1°).<sup>17</sup>( Pág.19 e 20. Tomo III).*

Esta rica e demasiada descrição de alguns indígenas pela pena de Cabrer, numa trama que se desenrolou em meio a políticas de estado tutelares, trabalhos forçados ou não, necessidades de ambos os lados e muitos conflitos e, ainda no terceiro capítulo do tomo registrou-se o "descobrimento, conquista e população da província de missões". Chamo atenção para o uso de explicações que dá o autor à moradia e vestimentas de alguns índios no grande excerto textual acima, pois além de descrever moradias, alimentação e solenidades, ainda fez uso de termos mais “apropriados” e próximos ao vocabulário dele e não necessariamente de interesse de alguns grupos indígenas, como por exemplo, o termo “decência” ao mencionar vestimentas e “recato” das índias. E dentro desta mesma leitura incluo a descrição que ele apresentou sobre a forma de enlace indígena, tendo chamado de “vil” o modo pelo qual se estabelecia tal relação, onde segundo ele, havia desapego dos pais pelas filhas. Interpretações oriundas e carregadas de juízos de valor que já discuti anteriormente, mas que me parecem mais claras com a leitura da passagem acima.

---

<sup>17</sup> RUIZ DE MONTOYA, Antonio, **Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Iesus** [...] [...] , en las Prouincias del Paraguay, Parana, Uruguay, y Tape, Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.

Destaco também a carregada e visível postura do autor em relação aos autóctones, quando este encontrou hospitalidade, onde, aparentemente não esperava encontrar e, sendo assim, disse dos "*Guaranies hospitaleiros*":

**"... se vio la necesidad de tomar puerto en la Ysla de los Patos; donde fue recibido de los Guaranies con mayor franqueza y generosidad, que podia esperarse de una Nacion Pagana".(Pág.30. Tomo III).**

Observe que mesmo quando existiu uma generosidade por parte dos autóctones o estranho "agradecimento" por parte dos alóctones colonos ainda foi de profundo estranhamento e recebido dentro dos moldes do espanto. Afinal, o que esperar de um índio pagão?!

Após vários exemplos de excertos textuais evidenciamos as "mãos indígenas" por meio das mãos de outrem, sua localização geográfica e dentro do palco de ações. Assistimos e constatamos ainda a diminuição dos mesmos nas fontes sob salva guarda de políticas de dominação, mas nem por isso deixamos de enxergar os autóctones como agentes racionais que fizeram escolhas associativas ou não dentro do período das demarcações.

Mas identificamos também sua agencia dentro da dualidade que não classifico como uma leitura vazia e dualista entre exploradores/explorados ou mesmo como matrizes historiográficas cristalizadas para explicar o caso dos "sumiços" indígenas. Classifico como participações pontuais, tendo como base um ténue equilibrio relacional, que ruiu de vez com as necessidades políticas e administrativas de coroas por meio de seus agentes locais e elaborações ferrenhas impostas a todo um contingente populacional distintivo, como pode ser constatado em excertos em minha analise. Onde, depois de dadas análises, interpretações e explicações pude verificar que existem fortes indícios de que escolhas por um mal menor foram feitas pelos indígenas, ou seja, escolheram e fizeram parte atuante de um sistema pontuado de ações políticas! Mas, nem por isso, relegados ao esquecimento aqui como aqueles que nada fizeram ou de que nada ajudaram a construir, pois a analise situacional de vários dos índios mostrados no diário podem ser avaliadas como concrecentes não só para o bom andamento dos trabalhos, mas também para a existência dele, onde os indígenas foram peças mais que fundamentais.

## CONCLUSÃO

Concluo pelo esforço que mais espaço para análises do peso das ações indígenas sejam necessárias, tendo em vista a riqueza de detalhes que a mesma fonte nos oferece. Creio que com os excertos que utilizei pude elucidar e demonstrar que houveram graus de reciprocidade colaborativa, mesmo que por curto espaço de tempo, entre autóctones e alóctones.

Assistimos ainda o desenrolar dos trabalhos com substanciais investimentos das coroas, portuguesas e espanholas, para garantir a posse da terra, que passou à primeira necessidade; com a delimitação de fronteiras, os homens dentro delas foram obrigados a escolher um "Rei" e sua forma de governo, sendo assim subjugado, assimilado ou morto nas tentativas de sua manutenção em outro ponto.

No entanto, saliento como sendo de máxima importância o estudo analítico e interpretativo de cada caso em período de tempo pormenorizado e a relação dos agentes "em situação", pois assim pude ver melhor que os índios não foram tão "achados" ao longo dos trabalhos, como relatou Cabrer. Não creio que em muitas destas "*toldeirias*" achadas por ele, o termo "índios encontrados" tenha sido empregado de forma tendenciosa ou pejorativa, mas o contra senso ou paradoxo sempre encontra este autor em suas ponderações, quando lida com os "índios", principalmente na descrição que ele faz e de sua clara distinção entre este ou aquele mais ou menos dócil.

Acabei por deixar muita coisa de fora desta breve introdução, mas pretendo continuar esta pesquisa com maior enfoque na linguagem embasada num estudo de semiótica, além de mais arcabouço teórico sobre a alteridade, para entender melhor o papel autóctone na dinâmica deste texto fonte. Pois, como pude avaliar, os índios não só existiram em demasia na época da demarcação, como também foram essenciais para a manutenção e existência dos trabalhos, tendo o autor reconhecido isso de forma direta ou indireta em seu discurso.

Com essa pequena introdução a documentação que, ocasionalmente, me habituei a chamar de "fonte de trabalho", tentei de forma sucinta, detalhar a abrangência de conteúdos descritos e registrados no diário da demarcação de José Maria Cabrer.

Todavia, não me poupei de certa liberdade ao informar o leitor sobre as dificuldades e peculiaridades na leitura que fiz e, nem mesmo, poupei de minha opinião quanto a esse ou aquele tema. Como coloquei no início deste trabalho, dei maior ênfase, principalmente na parte final, à descrição a respeito dos indígenas e da visão do autor quanto a

esses povos, bem como de seu local de fala, relacionamento com padres e administradores e a dinâmica em cada local descrito no texto.

Concluo esta redação com a missão de aprofundar o local indígena no palco de ações ao longo desta demarcação e trabalhar uma hipótese: o espaço da autonomia e das escolhas associativas dos índios.

Feita a leitura, análise e interpretação desta "fonte", pude constatar, que pouco se concebeu ou se reconheceu como uma forma organizacional indígena como autônoma, onde, mesmo os "índios preferidos" no discurso, tinham sérias falhas em algum ponto. Mesmo com as descrições daquilo que os autores acreditavam ser "o tipo indígena", não me parece que a vida nativa fosse concebida ou percebida pelos "outros" como uma organização social que, pelo menos, se assemelhasse a sua em algum grau como algo realmente bom no discurso do autor.

E nas entrelinhas, entre uma reclamação e outra, a função e ação dos índios foi revelanda, ou seja, eles estiveram presentes nos trabalhos e não só como "burros de carga", mas em outras funções e locais de ação. Reconhecidas na documentação as formas de agência do índio e aqueles que foram identificados como tal, pretendo trabalhar mais sobre a localização do "índio", no plural, dentro deste espaço temporal fornecido pela narrativa das demarcações, todavia sem uma visão vitimista demasiada dos nativos, mas como seres que tomaram suas atitudes em maior ou menor grau.

Minha hipótese de trabalho, que estou desenvolvendo, busca o caráter "equilibrado" quanto a temática indígena, entre a vitimização e as escolhas de agentes conscientes que agiram no tempo como participantes importantes na construção social. Esta fonte, ou seu autor, mostra que o espaço de agência do índio foi "*lato*", pois atuaram em diversas frentes. Espaço este compreendido desde a navegação à função militar e, como agentes envolvidos no meio ou no palco de ações, até como agentes que sofreram com a ação das coroas e de seus administrados.

Finalizo este texto com a seguinte indagação: Como teriam desaparecido tantos índios assim na história, se eles aparecem em número demasiado nestes relatos?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: LIVROS E ARTIGOS (IMPRESSOS E DIGITAIS)

ANGELIS, Pedro de, Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata; ilustrados con notas y disertaciones, Buenos Aires: Imprensa del Estado, 1836.

ALVEAR, Don Diego de, Colección de obras y documentos relativos a la Diario de la segunda división de límites al mando de D. Diego de Alvear con la descripción de su viaje desde Buenos-Aires ..., Buenos Ayres: Imprenta del Estado, 1837. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/diario-de-la-segunda-division-de-limites-al-mando-de-d-diego-de-alvear-con-la-descripcion-de-su-viaje-desde-buenosaires--0/>>. Acesso em: 25 de março de 2015

ALVEAR y Ward, Sabina de. *Historia hispano-americana. Algunas observaciones sobre el manuscrito de Don José María Cabrer*. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-hispanoamericana-algunas-observaciones-sobre-el-manuscrito-de-don-jos-mara-cabrer-0/html/004b47de-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_2.html#PagFin](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-hispanoamericana-algunas-observaciones-sobre-el-manuscrito-de-don-jos-mara-cabrer-0/html/004b47de-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#PagFin)>. Acesso em: 25 de março de 2015

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela, O futuro da questão indígena, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 8, n. Jan/Apr., 1994.

DÁVILA, Adriana; AZPIROZ, Andrés, Indios, cautivos y renegados en la frontera - Los blandengues y la fundación de Belén, 1800 - 1801, 1. ed. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2015.

HOMERO, *Ilíada*, 2. ed. Cótia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

LARAIA, Roque de Barros, Cultura: um conceito antropológico, 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MONTEIRO, John Manuel, Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo, São Paulo: Companhia das letras, 1994.

OLIVEIRA, João Pacheco, A presença indígena no nordeste - processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória., Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco, Os indígenas na fundação da colônia: uma abordagem crítica. In: João Luís Ribeiro Fragoso, Maria de Fátima Gouvea. (Org.). O Brasil colonial. *In: O Brasil colonial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, v. 1, p. 167–228.

RUIZ DE MONTROYA, Antonio, Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Iesus [...] [...] , en las Prouincias del Paraguay, Parana, Uruguay, y Tape, Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.

## FONTES

CABRER, José Maria, *Diario de la Segunda Subdivicion Española.*, Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Itamaraty, 1801.